

## Casa, família e pertencimento na tríplice fronteira amazônica<sup>1</sup>

### Home, family and belonging in the triple amazonian border

DOI:10.34117/bjdv7n7-026

Recebimento dos originais: 07/06/2021

Aceitação para publicação: 02/07/2021

#### **Antônia Marinês Goes Alves**

Mestra em Ciências pela UFRRJ

Professora Efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas  
– IFAM/Campus Tabatinga

Endereço: IFAM - Rua Santos Dumont, Vila Verde, CEP 69640-000 - Tabatinga, AM

E-mail: antoniagoesalves@gmail.com

#### **Michel Justamand**

Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC/SP

Professor Associado II do Departamento de História da Arte da UNIFESP/Guarulhos

Endereço: Universidade Federal de São Paulo/Campus Guarulhos.

Estrada do Caminho Velho

Jardim Nova Cidade

CEP 07252312 - Guarulhos, SP - Brasil

E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br

#### **RESUMO**

Este trabalho busca apresentar uma discussão sobre casa, família e pertencimento em relação a Tabatinga, região de Tríplice Fronteira - Tabatinga (BR), Letícia (CO) e Santa Rosa (PE) - a partir dos aportes teóricos desenvolvidos no artigo Casa, Família e pertencimento: a construção da pessoa em uma localidade no sul do Brasil, de autoria de Raquel Wiggers. O objetivo da autora foi apresentar como se dá a construção da pessoa em um contexto de mudança do rural para o urbano, levantando questões relacionadas a pertencimentos e atributos que são levados em consideração desde tempos remotos. Assim, buscou-se traçar uma discussão entre a realidade de Tabatinga, na tríplice fronteira, região norte do Brasil, com o que ocorre na comunidade trabalhada no Sul do país. Nesta perspectiva, observamos que muitos pontos convergem e encontram similitude, embora haja, geograficamente, um grande distanciamento entre os indivíduos, alvos do estudo proposto. Trabalhar tais questões, realizar essa breve aproximação, mostra-nos que se faz mister, realizar trabalhos voltados para as temáticas de Gênero e Família na região, contribuindo para o registro etnográfico local e regional para que possamos preservar nossas raízes, a partir do nosso sentido de pertencimento.

**Palavras-chave:** Gênero , Pertencimento ,Tríplice fronteira .

---

<sup>1</sup>Esse estudo foi apresentado, originalmente, em forma de comunicação oral e por escrito nos ANAIS do 4º SISCultura – Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia, organizado pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Ano 4, n. 4, nov. 2020 – Manaus: Edua/Capes/Fapeam, 2020 - v. IV.

## ABSTRACT

This paper seeks to present a discussion about home, family, and belonging in relation to Tabatinga, a region of the Triple Frontier - Tabatinga (BR), Leticia (CO), and Santa Rosa (PE) - based on the theoretical contributions developed in the article Home, Family, and Belonging: the construction of the person in a place in southern Brazil, authored by Raquel Wiggers. The author's objective was to present how the construction of the person takes place in a context of change from rural to urban areas, raising issues related to belonging and attributes that have been taken into consideration since ancient times. Thus, we sought to draw a discussion between the reality of Tabatinga, in the triple frontier region in the north of Brazil, with what occurs in the community studied in the south of the country. From this perspective, we observed that many points converge and find similarities, although there is, geographically, a great distance between the individuals, the targets of the proposed study. To work on these issues, to make this brief approach, shows us that it is necessary to work on the themes of Gender and Family in the region, contributing to the local and regional ethnographic record so that we can preserve our roots, based on our sense of belonging.

**Keywords:** Gender , Belonging , Triple border .

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar uma discussão sobre casa, família e pertencimento em relação a Tabatinga, região de Tríplice Fronteira – Tabatinga (BR), Leticia (CO) e Santa Rosa (PE) – a partir dos aportes teóricos desenvolvidos no artigo *Casa, Família e pertencimento: a construção da pessoa em uma localidade no sul do Brasil*, de Raquel Wiggers.

No artigo mencionado, a autora apresenta uma conversa com Dona Aparecida, 71 anos, moradora de Caieira da Barra do Sul, a qual faz parte do trabalho de campo desenvolvido durante sua tese de Doutorado. O objetivo da autora foi apresentar como se dá a construção da pessoa em um contexto de mudança do rural para o urbano, levantando questões relacionadas a pertencimentos e atributos que são levados em consideração desde tempos remotos.

A discussão inicia-se em torno da pergunta: de onde tu és? Tal questionamento vai nortear os sentidos de pertencimento e alteridade na comunidade em questão. Contudo, nós levantamos a questão acerca de que outras respostas seriam possíveis a partir deste questionamento, posto que a construção do *ser* está relacionada a questões materiais e imateriais.

Assim, buscou-se traçar uma discussão entre a realidade de Tabatinga, na tríplice fronteira, região norte do Brasil, abordada por nós em outros estudos (ALVES e JUSTAMAND, 2019), com o que ocorre na comunidade trabalhada no Sul do país. Nesta

perspectiva, observamos que muitos pontos convergem e encontram similitude, embora haja, geograficamente, um grande distanciamento entre os indivíduos, alvos do estudo proposto.

Pertencer ou não a um local, comunidade, casa ou família diz respeito à identidade que o indivíduo molda ao longo de sua existência, a partir de crenças, valores, culturas pelas quais transcorre e vivencia por diversas razões. Assim, vemos que muitos aspectos podem contribuir para que o indivíduo estabeleça a sua identidade, embora ela possa ser flexibilizada conforme o tempo e espaço dos quais compartilhe.

## 2 A TRÍPLICE FRONTEIRA EM CONTEXTO

*Não haverá borboletas se a vida  
não passar por longas e silenciosas  
metamorfoses*

*Rubem Alves*

A cidade de Tabatinga, localizada no interior do Amazonas, a extremo oeste da Amazônia Ocidental, apresenta uma peculiar condição, talvez ímpar, em relação a outras cidades brasileiras. Tal condição está relacionada à sua disposição geográfica de tríplice fronteira – Brasil, Colômbia e Peru (Figura 01). Mas também a sua constituição sociocultural diversa envolvendo questões internacionais, multiétnicas, linguísticas, religiosas, alimentares, entre outras (JUSTAMAND, 2016; PINTO, JUSTAMAND e SOUSA, 2017a; 2017b).

**Figura 1.** Vista aérea da Tríplice Fronteira Tabatinga (Brasil), Leticia (Colômbia) e Santa Rosa (Peru).



Fonte: Google Earth.

Nogueira (2007) destaca acerca da fronteira Tabatinga (Brasil)-Letícia (Colômbia): “Como as cidades estão na mesma margem do Rio Solimões, quem chega de barco não consegue definir onde começa uma ou outra” (NOGUEIRA, 2007, p. 131).

Com 32 anos de fundação, Tabatinga apresentava uma população de 52.272 habitantes em 2010. E, segundo o Censo 2010 (IBGE, 2016), apresentaria em 2014 uma população estimada em 59.684 habitantes.

Resgatando o histórico desta cidade, regressamos ao século XVIII quando Fernando da Costa Ataíde Teives desloca seu destacamento militar do Javari para esta localidade, onde se organizou um posto de guarda de fronteiras entre os reinos de Portugal e Espanha, formando-se a partir desse momento, a povoação de São Francisco Xavier de Tabatinga (IBGE, 2015).

Antes de elevar-se à condição de município, Tabatinga esteve ligada ao município de Benjamin Constant, como subdistrito por um longo período. Apenas em 1981, por meio da Emenda Constitucional nº 12, de 10 de dezembro do mesmo ano a cidade é desmembrada de Benjamin Constant, tornando-a um município emancipado em 1º de fevereiro de 1983 (ATAÍDE, 2013 p.87-88). Tal situação fazia que a maior parte das pessoas vivessem em zonas ribeirinhas, enquanto a sede da cidade era povoada por militares e pessoas com maior poder aquisitivo.

Nos dias atuais, a cidade conta com a presença de vários órgãos federais, como o Ministério Público Federal, Receita Federal, Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), Polícia Federal, Justiça Federal, por tratar-se de uma região fronteira. Também estão implantados no município órgãos estaduais, como: a Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas, o Centro de Estudos Superiores de Tabatinga – CEST da Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Esse fato tem contribuído de forma positiva para o desenvolvimento do município e sua visível mudança de município rural para urbano, embora esteja localizado a 1.100 Km da capital, Manaus.

### **3 A CASA FRONTEIRIÇA – UMA BREVE APROXIMAÇÃO**

Em seu trabalho, Wiggers (2013) apresenta o conceito de “sociedade de casas” indicado por Lévi-Strauss (1970), o qual diz que esta pode surgir como organização única, ainda que seja em contextos diferenciados:

“*casa* é uma pessoa moral detentora de um domínio composto simultaneamente por bens materiais e imateriais e que se perpetua pela transmissão do nome, da fortuna e dos títulos em linha real ou fictícia, tida como legítima sob a condição única de esta continuidade poder exprimir-se na linguagem do parentesco ou da aliança e, as mais das vezes, em ambas ao mesmo tempo.” (LÉVI-STRAUSS, 1970 apud WIGGERS, 2013).

Assim, a autora conclui que: “Para Lévi-Strauss, a *casa* permanece no tempo e é no interesse de sua perpetuação que se transmite nomes, fortunas e títulos, impedindo a partição em cada geração”. Esse conceito também será tomado como ponto de análise deste experimento, para que haja proximidade entre os aspectos observados e os comparativos. Contudo, a autora destaca em seu texto outros autores que também trabalham o conceito, embora de forma diferenciada, tais como: Bestard (1998) e Pina-Cabral (1991).

No trabalho etnográfico desenvolvido em Tabatinga, percebeu-se que o conceito de casa diferiu dos resultados da pesquisa no sul do país. Como experimento, foi selecionada uma família, percebemos diferentes formas de compreensão sobre o conceito de organização familiar.

Como nos diz Wiggers (2013):

Aproximar as distintas realidades estudadas aos conceitos desenvolvidos por autores em outros contextos é parte da riqueza do exercício antropológico. É justamente pelo fato de cada contexto trazer para as discussões teóricas novas particularidades que se fazem necessárias as descrições etnográficas. WIGGERS (2013, p.159)

Dessa forma, procederemos à discussão dos dados obtidos durante o trabalho de campo realizado em Tabatinga, região de tríplice fronteira, no Amazonas, Norte do Brasil. A família estudada não apresentou indicador de relações de parentesco apenas pelo convívio. Este é dado apenas pelo laço sanguíneo, conforme nos foi apresentado, sugerindo que já não existira uma forma de organização compartilhada por todos os moradores. Contudo, dona Divina (78 anos), relata que “antigamente tudo era diferente, hoje tudo está mudado”.

Diferente também do que ocorre em Caieira da Barra do Sul, onde observou-se que “uma casa para os moradores (...) engloba um conjunto de habitações, que contam com duas ou mais unidades, e o terreno em que elas foram construídas – os limites desses terrenos são os limites de uma casa.” (WIGGERS, 2013, p. 159-160). Em Tabatinga, a partir dos relatos de dona Divina, vemos que existe um entendimento diferenciado. Para ela, cada construção visível na rua é entendida como uma casa, ainda que esteja no mesmo

terreno, seja de forma paralela, ou organizada aos fundos da casa principal. A casa também é vista como espaço de individualidade e autonomia do sujeito.

Ela também relata que os filhos já não querem morar no mesmo terreno que seus pais, os filhos crescem e logo buscam sua independência, que é marcada com a aquisição do novo terreno, e que pouco se vê a *casa* de Caieira, a qual se apresenta como:

[...] um conjunto composto por várias residências, onde cada uma abriga uma família conjugal composta por um casal e seus filhos solteiros, ou apenas o casal com os filhos já casados, ou ainda apenas uma idosa viúva que ainda consiga fazer as tarefas necessárias para manter sua habitação. (WIGGERS, 2013, p. 160)

Neste sentido, indica que, outrora, quando vivia em região ribeirinha, essa noção de casa era adotada por seus familiares e conhecidos. E, que ao vir residir na sede do município, tudo modificou-se, atribuindo tal fato ao acaso.

Conta ainda, que teve cinco filhos e criou outros vários, filhos de conhecidos e de pessoas que não tinham condições de criá-los. E que apenas uma filha permaneceu ao lado dela até agora, os demais “*tomaram seu rumo*”. Embora, esteja com idade avançada, Dona Divina parece ter todas as suas faculdades mentais preservadas, e conseguindo associar nomes e sobrenomes, lugares e tempo, bem como realizar as tarefas domésticas normalmente, tais como, lavar, cozinhar, ir ao mercado, entre outras, porém, diz sentir-se incapaz de morar sozinha. Tal situação me permitiu inferir que se trata mais de uma questão emocional, que propriamente cultural ou tradicional.

Apesar das diferenças apresentadas em relação à “sociedade de casas” e organização individual da *casa*, o conceito de “vicinalidade” de Pina-Cabral (2011) parece ainda prevalecer em Tabatinga, posto que os laços supra domésticos que se formaram entre os vizinhos de outrora (quando vivia em região ribeirinha) e com os atuais, tendem a prevalecer. Sendo bastante comum na região, tal qual o é, em diversos espaços da Caieira da Barra do Sul, a ajuda mútua entre aqueles que conviveram como vizinhos e que esta relação perdure apesar do distanciamento espaço/temporal, permanece o elo cultivado anteriormente.

Nessa perspectiva, os “daqui” de Tabatinga, aos olhos de Dona Divina, não são apenas aqueles que nasceram na cidade, mas aqueles que têm laços parentais com os “daqui”. De “fora”, são aqueles que vem de outras regiões. Mesmo que se case com alguém “daqui” de Tabatinga, o indivíduo continua sendo de “fora”. Prevalece, assim, a similitude com a definição adotada em Caieira da Barra do Sul para estes termos.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tivemos a oportunidade de imergir, embora de forma pontual e breve, em questões de casa, família e pertencimento, as quais, não haviam sido ainda percebidas e avaliadas até cursar a disciplina Família e Gênero, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA/UFAM, brilhantemente ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Raquel Wiggers.

Dona Divina, com sua longa carga de vivências, permitiu-me uma grande reflexão a respeito do ser e ter. Por meio de seu vocabulário simples, porém com palavras carregadas de sabedoria e pertencimento, proporcionou-me uma experiência ímpar, graças à sua boa vontade em contribuir para ajudar ao próximo, como ela diz.

Observou-se que em Tabatinga, as casas já não possuem o mesmo significado de pertencimento dado na infância e adolescência de nossa entrevistada, tal qual ocorre em Caieira da Barra do Sul, que mantiveram seu sentido de pertencimento, apesar do tempo. Percebeu-se ainda, que há similitude e prevalência na classificação: “daqui” / “de fora”, embora também haja “um universo infinito” (BORDIEU, 2002), em relação às possibilidades de organização social de seus indivíduos.

Em Tabatinga, conforme observa Wiggers (2013, p. 168), também “a convivência familiar na casa durante a primeira infância e, às vezes, início da adolescência, é considerada fundamental para estabelecer os vínculos necessários para compor o sentimento de pertença à casa, à família e à própria comunidade”. Tal qual os de “fora” são aqueles que vêm residir na cidade oriundos de outros países, estados ou localidades, ainda que mantenham relações conjugais com alguém “daqui”, isto não lhes outorga o reconhecimento de pertença à região.

Percebemos então, que também em Tabatinga, prevalece o assinalado por Wiggers (2013, p. 169) sobre o conceito de Pina-Cabral: “onde a casa é a unidade social primária no que diz respeito à formulação do pertencimento e da identidade dos sujeitos”. Observou-se prevalecer também a “vicinalidade”, assim como, em Caieira da Barra do Sul, as relações vivenciadas na infância e adolescência, normalmente prolonga-se, estabelecendo laços duradouros e que perpassam a questão consanguínea.

Trabalhar tais questões, realizar essa breve aproximação, mostrou-me que se faz mister, realizar trabalhos voltados para as temáticas de Gênero e Família na região, contribuindo para o registro etnográfico local e regional.

Que possamos ter mais força ao reconhecer e preservar nossas raízes, a partir do nosso sentido de pertencimento, tal como recitava a Canção do Exílio, de Gonçalves Dias:

*“Minha terra tem palmeiras; onde canta o sabiá; as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá. Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores, nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores”.*

## REFERÊNCIAS

- ATAÍDE, L. *Tabatinga: crônicas fronteiriças*. Bogotá: Gente Nueva, 2015.
- BESTARD, J. *Parentesco y modernidad*. Barcelona: Paidós, 1998.
- BOURDIEU, P. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: 2ª ed., Bertrand Brasil, 1998.
- ALVES, Antônia Marinês Goes e JUSTAMAND, Michel. Alteridade na Tríplice Fronteira: uma questão sobre a migração peruana. In: OLIVEIRA, Ildete Freitas; JUSTAMAND, Michel e SOUZA, Nelly Mary Oliveira de. *Fazendo Antropologia no Alto Solimões*, vol. 20. O pensamento dissidente/divergente e as questões amazônicas. Embu das Artes: Alexa Cultural e Manaus: EDUA, 2019.
- JUSTAMAND, Michel. Diversidade na Tríplice Fronteira Amazônica: Brasil, Colômbia e Peru. In: RODRIGUES, Gilse Elisa; JUSTAMAND, Michel e CRUZ, Tharcisio Santiago. *Fazendo Antropologia no Alto Solimões: Diversidade Étnica e Fronteira*. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016.
- NOGUEIRA, R. J. B. *Amazonas: a divisão da “monstruosidade geográfica”*. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- PINA CABRAL, J. *Os contextos da Antropologia*. Coleção Memória e Sociedade. Lisboa: Difel, 1991.
- PINTO, Maria Auxiliadora Coelho; JUSTAMAND, Michel e SOUSA, Sebastião Rocha de. Os Ticuna protagonizando no Alto Solimões. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Renan Albuquerque e CRUZ, Tharcisio Santiago. *Fazendo Antropologia no Alto Solimões*, vol. 7. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2017a.
- PINTO, Maria Auxiliadora Coelho; JUSTAMAND, Michel e SOUSA, Sebastião Rocha de. O exemplo Ticuna na Tríplice Fronteira: Brasil, Colômbia e Peru. *Revista de Estudos Amazônicos – SOMANLU*, ano 17, n. 1, jan./jun. 2017b.
- WIGGERS, R. *Casa, família e pertencimento: a construção da pessoa em uma localidade no sul do Brasil*. *Temáticas*, Campinas, 21(42) v.1: 151-172, ago./dez. 2013.